

Vila Real: Presidente da Symington criticou falta de planeamento no Douro



Número de Documento: 14514450

Vila Real, Portugal 18/06/2012 12:52 (LUSA)

Temas: Economia, Negócios e Finanças, vinicultura, Turismo, hotelaria e alojamentos, Informação sobre empresas

Vila Real, 18 jun (Lusa) – O presidente executivo da Symington Family States criticou hoje, em Vila Real, a falta de planeamento na região do Douro, onde ao mesmo tempo que as vendas de vinho do Porto decresceram se aumentou a área de vinha.

“A falta de planeamento está a colocar a economia da região em péssimo estado”, afirmou Paul Symington, que falava no decorrer do ciclo de conferências “Portugal - A Soma das partes: As economias como fator de desenvolvimento”, organizado pela Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, em parceria com a TSF e o Jornal de Notícias.

No decorrer do evento, os vinhos, o turismo e a indústria extrativa foram considerados como setores-chave para revitalizar o distrito de Vila Real onde, desde 2007, se assiste ao encerramento de muitos negócios.

Paul Symington referiu que as vendas de vinho do Porto subiram entre a década de 1970 e o ano de 2000, ano em que chegaram aos 10,6 milhões de caixas de nove litros, com um volume de negócios de 415 milhões de euros.

Desde aí, segundo o responsável, as vendas começaram a baixar, até representarem uma faturação de 352 milhões de euros em 2011.

“O nosso setor perdeu mais de 50 milhões de euros em dez anos e o que é as autoridades andaram a fazer? Plantar mais”, frisou.

Em 2002, a região tinha 42 mil hectares de vinha, valor que passou para os 45 mil hectares em 2011. Em toda a Alemanha existem 102 mil hectares de vinha.

“Temos quase metade da área vitivinícola da Alemanha só aqui no Douro”, sublinhou.

Em 2010, o Douro produziu 292 mil pipas de vinho, nas várias categorias, só que, de acordo com o empresário, a região “não conseguiu vender 90 mil pipas”.

“Trinta por cento da região demarcada não tem comprador. É uma catástrofe para a região. Tira poder negocial ao lavrador e tira poder negocial às empresas perante as grandes cadeias internacionais”, salientou.

Paul Symington considerou ainda que existem “demasiadas entidades” a regular o setor vitivinícola duriense, desde o Instituto da Vinha e dos Vinhos, ao Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP) e às alfândegas.

“Faço aqui um apelo para haver mais bom senso entre as entidades reguladoras, para que a nossa região fique melhor planeada”, salientou.

O responsável defendeu ainda que “o Estado tem que deixar de nomear, de cada vez que um Governo novo é eleito, pessoas para a direção das entidades reguladoras desta região que são pessoas da política”.

“Acho que a região merece mais, merece pessoas com formação e conhecimento do mundo de vinhos em todas as suas vertentes”, sustentou.

A Symington Family States, empresa responsável por 21 por cento do mercado mundial de vinho do Porto, fatura 81 milhões de euros por ano, sendo que 96 por cento do vinho produzido é para exportação.

Luísa Amorim, administradora da Quinta Nova, empresa que faturou, no ano passado, dois milhões de euros, apontou o Douro como um território de oportunidades, destacando o turismo.

Esta quinta une a produção de vinho ao turismo, à produção de azeites, compotas e tisanas, ao que juntou recentemente um novo conceito de restaurante, onde o vinho guia a gastronomia.

Para a empresária, o “grande problema” do Douro é a “época baixa que é cada vez mais clara, evidente e dura”.

PLI.

Lusa/Fim